

O DIREITO À MEMÓRIA: HISTÓRIA DE OPERÁRIAS DE SÃO ROQUE (1930-1960)¹

Ana Carolina Ventura²

Resumo

A fim de estabelecer as relações intrínsecas entre memória e experiência coligadas a vida da mulher operária, este estudo, através dos relatos de uma mulher anciã e operária, descortina as vias que subsidiaram sua formação como mulher e sujeito histórico abrangendo seus demais papéis na sociedade. Para tanto, utilizou-se como fonte a narrativa oral através de um roteiro amplo e abrangente, respeitando o decurso da lembrança. Os relatos de vida de Dona Iracema, operária têxtil, puderam fornecer uma amostra ímpar a respeito da vida do operariado interiorano testemunhando o pleno desenvolvimento industrial têxtil, fornecendo para além do discurso histórico, um arcabouço significativo de experiências e vivências. O trabalho pautado em sua narrativa demonstrou que a vida da mulher operária comporta traços vivos de histórias distintas e célebres, apesar de anônimas. Dona Iracema revelou que a operária significou mais do que um indivíduo pertencente a uma massa de trabalhadores que conduziram os rumos do progresso, como mulheres, também tiveram vozes, foram operadoras de cultura, sujeitos ativos.

Palavras-chave

História Oral; Memórias de Operárias; Histórias de Operárias; História de vida; Indústria Têxtil.

Introdução

O que por muito tempo foi conhecido como história: os importantes acontecimentos sociais, os significativos avanços tecnológicos e científicos, as revoluções, as instáveis relações geopolíticas e a constituição do desenvolvimento humano no decorrer do tempo, nos foram apresentados por meio da ótica e da voz masculina. Davis (1976) aponta que os encadeamentos históricos têm por regular representação a figura do homem, e as mulheres, por sua vez, ocupam

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático Livre durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo.

² Universidade de São Paulo. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: acventura32@gmail.com.

um lugar subalterno nas brechas da história, nas lacunas vazias de um cotidiano considerado irrisório e diminuto.

Dessa forma, a demanda pela presença feminina na composição da trajetória humana exigiu de historiadoras uma busca para além de documentos oficiais nos quais não há a presença da mulher, ou se muito, sua representação por meio dos discursos masculinos (SALVATICI, 2005). Há um silêncio e uma ausência nestes documentos, que ao mesmo tempo em que testemunham a vida pública, relegam ao esquecimento mulheres reais que inscreveram nos espaços da vida cotidiana também uma história.

Perscrutar a presença feminina através do tempo significa interpretar os silêncios da história em relação a ela, seja em documentos, em anais, nas artes, na escrita, a aparição das mulheres como sujeitos, agentes operadores também da cultura, da política, da educação, se ocorrer, fora de forma tímida e escusa em comparação ao envolvimento masculino. Ainda assim, no cenário da vida pública, há uma ironia significativa: no campo iconográfico sua presença é constante e demandada.

As narrativas oficiais, no que lhes dizia respeito, denotavam a presença da mulher em sociedade parcamente se referindo a sua participação na vida pública. As referências manifestas a seu respeito seguiam um protocolo correspondente aos estereótipos femininos. Afinal, demandar presença seria contrariar sua posição de esquecimento e silêncio (PERROT, 2005). A marca da mulher na história, portanto, não poderia dar-se de outra forma, se não por uma tentativa dissociada e emancipada das narrativas históricas oficiais: a memória.

Dessa forma, este trabalho a partir do estudo histórico da vida do operariado feminino e da memória feminina, apresenta a coalização destas duas vertentes pautando-se na narrativa oral de uma mulher operária, de forma a demonstrar de que modo a formação educacional, para além das instituições escolares, e a experiência de trabalho na indústria têxtil delimitou o contorno de sua vida.

Mais do que estabelecer uma relação histórica entre a experiência de uma operária anciã, este estudo privilegia-a como sujeito histórico, entendendo precedentemente, que as mulheres “não vivem isoladas na sociedade como um gueto, mas que interagem em múltiplas relações sociais com o sexo oposto...” (RAGO, 2007), e como sujeitos ativos que são, operam na sociedade um trabalho cultural e social enriquecedor.

Propõe-se além da construção histórica da classe operária feminina, dotando-a de uma identidade que, a partir do testemunho de vida, a torna ímpar acima da historicidade e construção cultural, colocando em xeque o essencialismo que reverbera uma homogeneidade do operariado feminino como categoria universal. A excepcionalidade das narrativas estudadas corroboram para fundamentar que apesar de inseridas num grupo em comum, as mulheres operárias divergem de qualquer estrutura homogeneizante.

Apresentação da narradora.

Eu já a havia conhecido antes, fazia parte de uma família querida minha e vinha a São Paulo todo mês para poder receber sua aposentadoria – seu filho cuidava disso para ela. Dona Iracema é conhecida por mim como a senhora mais ativa, vivaz e cheia de energia; reconstruiu sua vida em uma cidade litorânea (Mongaguá) e domina aquele lugar com uma força exuberante: é campeã de dominó, faz atividades físicas toda semana e frequenta as animadas reuniões que oferecem à terceira idade, sabe dançar muito bem e é desprendida. Estava de visita a São Paulo, e encontramos-nos novamente.

Sentadas ao redor da mesa de jantar conversávamos a respeito de tudo, e eis que ela repuxa um assunto: Infância. No confronto das gerações ali presentes, delimitamos um contraste de realidades tornando o assunto ainda mais rico. As memórias tomavam conta das narrativas e juntas voltamos ao passado em 1941, quando tinha 5 anos e sem brinquedos, resolvia fazer ela mesma suas bonecas e roupinhas. Como morava na roça, na cidade de São Roque, tomava sabugos de milho, amarrava panos que recebia da tia e modelava para si um brinquedo novo, pintava as roupinhas que costurava com amoras e vivia a infância assim: a partir do imprevisto e da invenção.

Não bastasse as horas que discutimos a respeito, foi a partir da atenção, apreço e curiosidade minha sobre seu testemunho e história que seguimos por horas mais lembrando sua infância e juventude. Suas histórias eram preciosas em detalhes, era possível visualizar cenas e senti-la revivendo momentos, passamos por sua árvore genealógica, a importância de seus antepassados, as relações com seus pais, os períodos mais felizes bem como os mais sombrios.

As linhas e marcas em seu corpo servem de testemunha: muito foi vivido, muito foi suportado. Seu casamento fora feliz, mas ela abriu-se sobre como se sentira mais livre agora, em que podia ser ela mesma, ir para onde desejava, fazer o que queria e não precisar prestar contas. Sente falta do companheiro (há mais de 20 anos), mas recompensa a tristeza

encontrando alegria nas amizades, viagens e diversões. Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade*, assinala:

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassa de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1994, p. 41)

Findada a conversa – que teria continuado não fosse o horário – fui para casa como quem carrega um tesouro. Forçava a memória para gravar frases e momentos raros que pairavam na conversa, revisitava cenas vividas naquela noite e inquieta pensava que não me satisfaria encerrar uma narrativa como aquela, literalmente como se fosse uma conversa rotineira, sem lhe dar o devido valor. Há quem iguale uma lembrança a um diamante bruto, lapidado continuamente pelo espírito, por meio da reflexão, do reavivamento (BOSI, 1994). Não seria justo tratar aquelas memórias menos do que um diamante arduamente lapidado.

Dona Iracema foi operária durante toda sua juventude, viveu em São Roque e conheceu o labor desde criança, sua vida elucida um tipo diferente de memória; Dona Iracema é mulher, idosa, interiorana, operária. O processo educativo em sua vida norteia a concepção de um determinado contexto, atravessado por diversas vertentes que a torna, apesar de anônima, única. A especificidade do período, região, conduta moral, trabalho, os aspectos formativos do ser mulher em uma determinada época contribuem para a reformulação de um período histórico.

De fato, naquela noite fizemos história a partir de suas memórias. Como cidadã, Dona Iracema reconstruiu a cidade de São Roque há 80 anos; como filha, revisitou sua árvore genealógica e relembrou seus antepassados; como esposa, reviveu momentos da primeira paixão e peripécias da juventude; como criança, lembrou com saudade e nostalgia seus tempos de meninice; como operária, resgatou a história da antiga fábrica de tecidos e experiências que a envolvem até hoje. Se rememoramos, então fizemos história.

Rememorar é uma ação, um ato contínuo e não simplório, extremamente individual. A forma como a memória é acessada, como a narrativa é elaborada na mente do indivíduo revela muito a seu respeito e de suas preferências, revela como a memória foi por ele elencada em graus de importância, desvendando para além do indivíduo, a coletividade da qual fez e faz parte, bem como a lembrança fora trazida à tona por meio da oralidade.

Semelhante à figura do trapeiro aludida por Gagnebin (2006), que recolhe cacos, restos, vagueia a cidade a procura de algo que possa dotar de significado, nós vagueamos São Roque, adentramos nas instâncias da Brasital, andamos por fazendas históricas – hoje não mais presentes -, percorremos errantes por ruas da antiga cidade; ela através da narração demarcando um rastro, e eu, trapeira da história, recolhendo, cuidando para não deixar nada se perder.

A Brasital de São Roque.

Construída em 1892 por Enrico Dell’Acqua, comerciante nascido em Abbiategrosso, na Itália, a Brasital representou para seu criador uma oportunidade de comercializar e empreender em solo sul americano. Seguindo o histórico de sua família, Dell’Acqua, que já possuía uma indústria têxtil de algodão na Itália, precisamente na região de Busto Arsizio, investe em um novo negócio.

Em 1886 o italiano enviara questionários aos chefes de correio de alguns países e amostras de tecido. O Brasil, assim como a Argentina eram focos de imigração de italianos, dessa forma, o desenvolvimento de uma indústria na América do Sul encabeçada por ele, fora vista como uma oportunidade de, além de expandir seu comércio e produtos, criar postos de empregos para outros italianos (KEMPTER, 2011).

Em pouco tempo, Enrico Dell’Acqua abre em Buenos Aires, na Argentina, uma casa de representação de tecidos vindos da Itália, e lá consegue estabelecer-se como o maior fornecedor de tecidos para mercados atacadistas. No ano de 1889, a empresa do italiano se torna “*Società Italiana di Esportazione Enrico Dell’Acqua*” conseguindo sedes em Milão, na Itália, Buenos Aires, e São Paulo, as grandes capitais dos maiores centros de comércio.

No ano seguinte, em 1890, adquire terras no município de São Roque. Os fatores vitais que viabilizaram sua escolha e o estabelecimento da fábrica, foram a proximidade da capital, com pouco mais de 60 quilômetros de distância de São Paulo, a linha ferroviária que conectava a capital e Sorocaba pela Estrada de Ferro Sorocabana, bem como incentivos fiscais da Câmara Municipal.

Dessa forma, Dell’Acqua obtém a chácara Ranzini com 235 mil metros quadrados próxima ao rio Aracaí, utilizado como força motriz para as turbinas que conduziram a disponibilização de energia para movimentar os teares (KEMPTER, 2011). Para tal, o comerciante ordena a construção de 3 grandes barragens com 4.000 metros quadrados formando quedas d’água de até 30 metros (MARTINS, 2018).

A força motriz era suficiente para mover 100 cavalos; eram 95 teares mecânicos, dos quais 117 simples e 78 duplos, e 10 manuais. O pessoal ocupado era cerca de 330 pessoas, na maioria italianos, 11 assistentes e mestres e 184 operários em outras funções” (KEMPTER, 2011, p. 182)

Com um bom desenvolvimento, a Brasital conseguia produzir cerca de 8.000 metros de tecidos de ótima qualidade diariamente. Sua instalação na cidade foi um instrumento de influência nos costumes, diversificando o gosto dos consumidores sul americanos. Além dos postos de trabalhos gerados, a instalação da fábrica no município de São Roque trouxe mudanças significativas no cotidiano e na organização cidadina. Ademais, nos arredores da fábrica foram instaladas vilas operárias, disponibilizaram-se serviços de saúde, ajuda mútua, bem como um grêmio recreativo, denominado “Clube Familiar”.

A fundação das indústrias têxteis em São Roque, principalmente a Brasital, ocasionou a geração de empregos e resgatou a economia do município, desvencilhando-o a apostar exclusivamente na produção agrícola para vetor principal da economia. Isto delimita a figura de Enrico Dell’Acqua como uma personagem querida pelos moradores do local, personificando toda uma relação entre desenvolvimento econômico e apreço pela fábrica.

A fábrica representa uma parte ímpar da vida de muitos cidadãos do município, uma vez que já chegou a empregar 80% da mão de obra do lugar, com mais de 3.000 funcionários em 1957 (MARTINS, 2018). O resgate, a restauração e sua reinauguração como Centro Cultural foi abraçada pelos moradores de São Roque, e hoje contribui ativamente com a formação educacional e cultural dos cidadãos. Por manterem o estabelecimento ativo, a memória e a história das antigas instalações também permanecem ativas, sendo palco de novos olhares, outras gerações em que a história pode ser vislumbrada.

Nos fios de uma história: Dona Iracema.

Sentadas no sofá – ao fundo a televisão ligada em um programa destinado ao público feminino à tarde, dona Iracema reescrevia a história de São Roque desde os primórdios de sua infância. Sua narrativa comportava traços vivos de uma memória que se esforçava para retomar os fios perdidos de uma lembrança longínqua. O entusiasmo de ser ouvida transformava-se em energia que, manifestada em suas mãos ágeis (talvez fruto do antigo trabalho tanto como operária, como costureira), moviam-se para lá e para cá sustentando a apressada narrativa.

Os fios da memória iam sendo cuidadosamente tecidos por ela, e com a precisão dos anos como operária, foram sendo aos poucos estruturados. As narrativas viajavam, traçavam seu próprio caminho, e, no entanto, não se perdiam. Todos os parêntesis que dona Iracema abria na conversação, fazia questão de fechá-los adequadamente e então retomar os fios da meada.

Ao contar sobre sua vida, dona Iracema descortinou uma peça importante de tantas outras que, igualmente a ela, tiveram sua história marcada pela vida operária, ao trazer personagens não mais presentes de volta em suas histórias; paisagens já passadas retornaram a vida e a atmosfera que a circundava ia incorporando as tônicas dos relatos, os tons de cada palavra enunciada, as emoções, a raiva, o medo, a saudade, a dor da perda, a vingança do destino, foram tecendo uma lembrança abarcada de vivacidade.

É como suscita Bosi ao declamar Rousseau: “as lembranças se gravam na minha memória com traços cujo encanto e força aumentam dia a dia; como se, sentindo que a vida me escapa, eu procurasse aquecê-la pelos seus começos” (BOSI, 1994, p. 34). Dona Iracema foi cozendo os relatos de sua vida a fim de torná-los uma grande manta para aquecer e vivificar a memória através de cada experiência vivida.

O trabalho com ela realizado foi uma chave mestra que abriu portas para uma pesquisa ainda mais aprofundada sobre a vida das mulheres operárias tanto da cidade de São Roque como da cidade de Salto de Itu. Para cada fase de sua trajetória, voltei a pesquisa para as estruturas patriarcais que a regimentaram. Seja dentro ou fora da fábrica, a história de dona Iracema foi um processo demarcado pelo machismo estrutural. Ainda assim, mesmo evidenciando as situações dolorosas causadas pela violência patriarcal, sua narrativa direcionava-se, sem perceber, às mulheres que fizeram parte de sua caminhada, demonstrando a força e as resistências femininas em sua vida.

Dona Iracema demonstrou que as mulheres não são amorfas, não nascem sem personalidade, sem vontade. Sua categorização a um ser inferior é obra de concepções determinadas pelo olhar masculino. As concepções do que é o feminino, são determinantes para estabelecer os papéis das mulheres na sociedade, as formas como serão observadas, relacionadas, associadas.

Se alguma mulher aceita a relação de submissão não é porque sempre se considerou inferior, sem voz e sem capacidade para se expressar e delimitar sua opinião, mas foi habilmente ensinada desde cedo a acatar rótulos pautados em teorias fisiológicas de natureza supostamente

médicas depreendendo a inferioridade feminina e sua incapacidade de autogestão, de pensar, de agir livremente com coerência, mantendo-se infantilizada e dependente.

A entrada no mundo do trabalho, por exemplo, foi um aspecto importante de mudança, seja comportamental ou financeira. Dona Iracema testemunhou que o ambiente de trabalho é um espaço altamente simbólico para a mulher. A presença das mulheres neste universo instabiliza as relações de poder, afinal, estabelece-se novas perspectivas de um futuro além do confinamento doméstico, promove possibilidades que divergem de suas supostas habilidades inatas de cuidado e maternidade e oportuniza independência, inclusive a financeira, artifício pelo qual homens estendem sua dominação.

Ainda assim, apesar de ao mesmo tempo se apresentar como alternativa à completa dependência do mundo privado, se estabelece como uma atividade super explorada e permeada por violências de variados gêneros. A dupla jornada de trabalho era comum para mulheres com realidades semelhantes às de dona Iracema. O envolvimento com a vida profissional não revogou ou outorgou a outrem as responsabilidades com o lar, de tal forma que, apesar de estarem comprometidas com o trabalho remunerado, o trabalho não remunerado doméstico dependia só e tão somente das mulheres. Como dispõe Soihet:

A conquista dos novos direitos de participação na esfera pública não implicaram uma reformulação no âmbito das obrigações familiares entre os dois gêneros. Continuava-se, portanto, a considerar o espaço doméstico como inerente à mulher, mantendo-se sua posição desigual na sociedade. (SOIHET, 1997, p. 20).

O trabalho engendrou em dona Iracema uma nova identidade: a de mulher operária. Entre a dupla jornada que enfrentava, os dias exaustivos na fábrica e na lavoura, sua personalidade e sua forma de enxergar o mundo foram influenciadas por sua nova realidade de vida e suas experiências. O envolvimento de dona Iracema com o trabalho ultrapassou os limites monetários e se estendeu como objeto de valorização para sua vida, tanto que, ao casar-se e ser privada de trabalhar como operária, e até mesmo envolver-se com a costura, ela sentia-se desprovida de intencionalidade.

As narrativas de sua vida serviram como testemunho vivo de uma época marcada pelo crescente processo de industrialização e da fundamentação da mão de obra operária, principalmente em São Roque. Na Brasital, os teares, as espulas, as rocas, foram majoritariamente regidas por mulheres. O desenvolvimento econômico dessa fábrica tanto em

São Roque como em Salto de Itua foi, por um tempo significativo, sustentando pelo braço do operariado feminino.

Perscrutar a vida dessas mulheres que, por muito tempo, foram o carro chefe de desenvolvimento da Indústria Têxtil é descortinar experiências permeadas pelas mais diversas circunstâncias, e ao mesmo tempo retirá-las do conjunto homogeneizante do operariado. Dona Iracema não só contribuiu evidenciando a vida dessas mulheres que juntamente com ela contribuíram efetivamente com o avanço econômico da cidade, como possibilitou a visualização da vida da mulher interiorana em pleno crescimento fabril, seus sonhos, seus medos, suas esperanças para o futuro, a carga emocional de lidarem com a dupla jornada de trabalho, relacionamentos abusivos, violências de diversos gêneros, suas resistências, alegrias e saudades. Vidas que não foram representadas pela história oficial, puderam ser lembradas e postas em lugar de destaque graças à narrativa de uma operária anciã.

Dona Iracema demonstrou que a marca das mulheres na sociedade é feita e percebida através da memória, e a partir da pluralidade das fontes orais, reconstrói-se muito mais do que pedaços da história, integra-se além de vozes, testemunhos, narrativas, lembranças, nos anais da sociedade. Usa-se da oralidade como uma fonte de justiça, uma ferramenta para atravessar a via de mão única apresentada a nós como narrativa oficial. A memória como propõe Michael Pollak (1989) solidifica o sentimento de pertencimento; dar ouvidos a essas fontes vai além de reconhecer um pedaço escuso da história, é fazer valer vidas e aquiescer a participação feminina como sujeitos ativos.

Considerações finais

O objetivo central deste trabalho era reverberar não só uma, mas várias vozes. Meu intento era ouvir outras operárias que também vivenciaram uma parte de suas vidas na Brasital. No entanto, não foi possível por diversas circunstâncias. Fiz reverberar uma única voz que, apesar de ter trazido uma experiência individual, remeteu, na verdade, experiências coletivas: de mulheres que também cresceram no campo, encontraram o labor desde a infância e trabalharam como operárias, que sofreram maus tratos dos pais, subserviência no casamento, vivenciaram a demarcação social feminina na sociedade.

Centrar-me somente em dona Iracema pôde trazer mais riqueza às narrativas. Pude, através da escrita, descobrir uma história que até de sua família estava oculta, garimpei, por assim dizer, sua memória estando apenas presente para ouvi-la. Fiz emergir ricas lembranças e as dotei de um novo significado.

Ainda assim, este trabalho foi escrito, ou melhor, tecido à quatro mãos. As mãos rápidas que escreveram este documento foram guiadas gentilmente pelas de uma operária anciã. Assim como a criança aprende a escrever as primeiras letras guiada por um adulto, dona Iracema guiou-me na tecitura da lembrança, pacientemente ensinando-me a dotar de significado suas memórias, norteando-me, como boa costureira que é, a cosê-las umas nas outras, indo e voltando refazendo-as quando necessário, até chegarmos no nó final, que fixa e sustenta a linha, impedindo-a de soltar-se, conservando a costura.

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (BOSI, 1994, p. 49)

Mais do que partilhas de histórias, este trabalho tecido como uma manta da lembrança é carregada de significado. Considero a história de vida de dona Iracema como uma bandeira de vitória, exibida em seu mais alto vigor, reverberando não só sua história de vida, mas abrangendo todo um coletivo, expondo toda a vida da mulher operária, trazendo visibilidade ao que contraditoriamente esteve escuso.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Tempo de lembrar**. In: Memória e Sociedade – lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- DAVIS, Natalie Zamon. **Women’s history in transition: the European case**. Feminist Studies, n. 1, 1976.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo, Editora 34, 2006.
- KEMPTER, Eloisa Dezen. **O lugar do Patrimônio Industrial** (Tese de Doutorado do Instituto de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas), 2011.
- MARTINS, W.L.C. **Ecoturismo no Centro Educacional, Cultural e Turístico Brasital: Preservação Histórico-Cultural e Educação Ambiental em São Roque**. (Trabalho de Conclusão de Curso para Licenciatura em Ciências Biológicas – IFSP, Campus São Roque. 2018.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru. São Paulo, 2005.

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

RAGO, Margareth. **Relações de Gênero e Classe Operária no Brasil, 1890-1930**, In: Olhares Feministas. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, 2007.

SALVATICI, Silvia. **Memórias de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres**. História Oral, v. 8, n. 1, pp. 29-42, jan-jun, 2005.

SOIHET, Rachel. **Violências Simbólicas: Saberes masculinos e representações femininas**. Revista Estudos Feministas, v. 5, n. 1. Jan/1997